

PROGRAMAS DE EDIÇÃO E IMPRESSÃO EM BRAILLE

Antes de entrarmos propriamente no tema sobre o qual nos propomos tecer algumas considerações, entendemos ser oportuno referir em duas ou três palavras, em jeito de introdução, que o que aqui afirmamos – embora continue a ser desconhecido por todos aqueles que não têm normalmente preocupações com problemáticas desta natureza –, não é já novidade para quem orbita em torno deste sector de actividades.

Os problemas inerentes a estas temáticas estão identificados e as soluções aplicáveis vão já sendo conhecidas entre nós. Assim sendo, importa passar-se da teoria à prática. Não se pode já continuar a proceder como no passado, alongando-se por anos e anos os estudos, para depois, *in extremis*, se viabilizarem soluções desajustadas, inadequadas, porque a realidade entretanto se modificou drasticamente. Nos nossos dias, em que tudo se desactualiza num ápice, a velocidade com que tudo evolui não se compadece com demoras, apatias, com o imobilismo, a ostentação de saberes que mal se dominam ou até mesmo se ignoram. Quem não quiser ser absorvido, engolido pela voragem da globalização, tem que adequar o ritmo da sua vida à velocidade do presente, estar atento ao progresso avassalador.

As sociedades modernas têm nos últimos anos sido banhadas por vagas cada vez mais gigantescas de tecnologias fabulosas que revolucionaram radicalmente o *modus vivendi* do ser humano.

No concernente ao acesso à informação o panorama é como todos sabemos incomparavelmente diferente do reinante ainda há bem poucos anos. Hoje acede-se a um inimaginável volume de informação em tempos incrivelmente rápidos. Mas se assim é para os normovisuais, que têm diariamente à sua disposição incontáveis novas publicações periódicas, um universo de monografias e toda a sorte de documentação similar, os deficientes visuais permanecem muito aquém dessas possibilidades. Enquanto, em termos de acesso à informação, aqueles deram um salto de gigante, estes apenas conseguiram dar um passo de anão.

Ainda assim, este avanço, incomparavelmente menor que o dos normovisuais, gerou condições de progresso inconcebíveis entre nós ainda há duas décadas atrás. Até aos finais dos anos oitenta, as espécies que constituíam os acervos bibliográficos da Área de Deficientes Visuais da Biblioteca Nacional eram produzidas em exemplar único, por meios demasiado lentos e dispendiosos.

No dealbar da década de noventa, porém, incrementou-se a informatização dos serviços da Biblioteca Nacional, nomeadamente a Área de Deficientes Visuais, que passou a produzir as espécies bibliográficas em suportes informáticos, que, por um lado, podem ser consultados por utilizadores de terminais braille ou sintetizadores de voz, e, por outro, permite a impressão de *n* exemplares.

Naturalmente que o processo de obtenção dos textos com que se constituem as matrizes em suportes informáticos passou por várias fases evolutivas: primeiro, a digitação dos mesmos, depois, a sua scannerização e, ultimamente, com resultados, significativos, a partir de matrizes informatizadas cedidas pelos autores ou editores das espécies bibliográficas.

Pelo referido, verificamos que para se obterem textos em suporte informático os meios de que nos socorremos hoje nos facilitam enormemente as nossas actividades de produtores de Braille; contudo a fase que se segue – a mais trabalhosa e demorada –, não sofreu a desejável evolução. Os processadores de que nos

servimos não nos permitem tornar mais célere a fase de formatação para braille. Para que se consigam obter matrizes correctamente hifenizadas têm os operadores que se entregar a uma prolongada e muito atenta tarefa, visto que o automatismo desses processadores não é conforme às exigências da língua portuguesa, e assim, essa operação tem que ser realizada manualmente, quase na sua totalidade. Para obviar estas dificuldades têm surgido no mercado programas, como o *Winbraille*, o *Braille fácil*, o *Cipher* e outros, que, infelizmente, não satisfazem as exigências da nossa língua.

E se, por um lado, ainda há algo a fazer no que concerne à produção de softwares que garantam as soluções para as insuficiências suscitadas, por outro, todos os intervenientes nesta área de actividades devem reunir esforços para que a coordenação, a programação unificada, as mesmas regras de funcionamento para todos sejam efectivas. Se se deseja celeridade, sem prejuízo da qualidade, na produção do livro braille, não se podem admitir aparências. É indispensável uma coordenação eficaz, uma programação nacional em que cada um realize a parcela que lhe for confiada, o estabelecimento de normas de funcionamento obrigatórias para todos, por forma a evitar-se a produção de matrizes já existentes, a produção em formatos diferenciados ou em processadores que não sejam os considerados como mais adequados aos objectivos visados.

Tendo no pensamento o facto de estarmos a viver a era do rápido acesso a informação disponível em gigantescas proporções, era em que o problema que se coloca aos usufrutuários da mesma já não é a escassez, mas antes, a superabundância que gera a enorme complexidade da selecção, não podemos deixar de referir, ao finalizar este desprezioso contributo, os incomensuráveis horizontes que se abrem para os deficientes visuais portugueses, quando, à semelhança do que já é prática corrente, por exemplo, nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Espanha, os acervos bibliográficos das bibliotecas e outros centros de documentação do nosso país estiverem em on-line, em formatos adequados à leitura em terminais braille ou através de sintetizadores de voz. Tenhamos, pois, esperança que, entre nós, a cegueira de espírito não seja impeditivo a que este justo desiderato se concretize; que o que hoje ainda é aspiração seja amanhã convertido em realidade. Então, poderemos dizer que o passo de anão se tornou passada larga de homem e que o fosso que nos separa dos normovisuais, em termos de acessibilidade à informação, acaba de sofrer uma apreciável diminuição.

Isidro E. Rodrigues.
Lisboa, 2002

Palestra Realizada no Parque das Nações, integrando um "Workshop" promovido pela ACAPO, (2002) que primordialmente incidiu sobre os meios de acesso à informação disponíveis para os deficientes visuais.